

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Alexander Kluge: Por Um Cinema Impuro
19 de Julho de 2021

GELEGENHEITSARBEIT EINER SKLAVIN / 1973

“Trabalhos Ocasionais de uma Escrava”

um filme de ALEXANDER KLUGE

Realização: Alexander Kluge / **Argumento:** Alexander Kluge, adaptado a partir do seu conto “Anita G.” / **Fotografia:** Thomas Mauch / **Montagem:** Beate Mainka-Jellinghaus / **Som:** Klaus Eckelt, Hansjörg Wicha / **Interpretação:** Alexandra Kluge (Roswitha Bronski), Bion Steinborn (Franz Bronski), Sylvia Gartman (Sylvia), Traugott Buhre (Dr. Ernst Genée), Ursula Birichs (Frau A. Willek), Ulrike Laurence, Walter Flamm, Ortrud Teichert, Alfred Edel.

Produção: Alexander Kluge, Kairos-Film / **Cópia:** da DCTP, em DCP (original em 35mm), a preto e branco, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 91 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 20 de Maio de 1974, Festival de Cannes / Primeira exibição na Cinemateca.

*“Roswitha e Sylvia não conseguindo intervir sobre a realidade
aprendem uma canção de Brecht”*

dos diálogos do filme

Em **Gelegenheitsarbeit Einer Sklavin** Alexander Kluge aborda a questão da revolução no contexto de um universo familiar. Neste caso, no seio de uma família alemã composta por um casal com dois filhos, em que a mulher a dada altura é tocada pelo entusiasmo revolucionário, desafiando os papéis e a ordem que nos é apresentada como pré-estabelecida. O prólogo antes do genérico é bem demonstrativo da “força” que atravessará tanto o filme como a sua protagonista, como revela o grande plano de Roswitha Bronski e uma voz *off* que refere como “Roswitha sente um enorme poder dentro dela”, e como os filmes lhe ensinaram “como esse poder realmente existe”. Na indecisão de tradução deste sentimento que surge no interior da protagonista, hesitamos mais uma vez entre a expressão “poder” ou “força”, uma mesma hesitação que surge frequentemente face à obra de Kluge, quando nos referimos aos “sentimentos”, e em concreto ao “Poder dos Sentimentos”/ abordado por uma das suas mais importantes longas-metragens, **Die Macht der Gefühle**, que surge numa relação directa com a ópera de Verdi, *La Forza del Destino*, tão apreciada pelo cineasta.

Da força de Roswitha transitamos então para a explicitada força do cinema, mais uma vez convocada através da história das suas imagens, e da sua influência sobre o real no contexto de uma obra cinematográfica particularmente ciente do poder e das limitações

desta forma de representação e da sua relação com o que poderemos definir como real, ou não seja Kluge um dos mais importantes herdeiros das teorias de Adorno e da Escola de Frankfurt, sempre temperadas por Brecht, como referirá o próprio muitas vezes, e como aliás alude a citação de um diálogo do filme escolhida para epígrafe.

Roswitha Bronski é mais uma das grandes personagens femininas do cineasta, e mais um dos magníficos desempenhos da irmã do realizador, Alexandra Kluge, que terá um papel determinante ao longo da sua obra, como percebemos desde **Abschied von Gestern**, se não considerarmos outras aparições anteriores. É aqui retratada como uma mulher esgotada, dividida entre os trabalhos domésticos, o cuidado do marido e dos filhos, mas também os abortos clandestinos, que no fundo constituem a base do orçamento familiar. Esta questão do aborto é particularmente relevante no filme pelo modo explícito como é abordada e filmada, assim como o é a exploração a que é sujeita Roswitha no seu meio familiar.

Interessante é também o modo como mais uma vez o cineasta entrelaça realidade e ficção, colocando Alexandra Kluge em situações políticas bem reais. Para lá do envolvimento de Roswitha em verdadeiras situações de protesto, é ela que procura travar o encerramento da fábrica em que trabalha o marido, evitando a sua transferência para Portugal. Do nosso ponto de vista é muito curiosa a sua viagem a Portugal para encontrar indícios da construção da nova fábrica, quando, um ano depois, são vários os documentários portugueses pós-revolucionários, que mostram mulheres portuguesas à frente de lutas idênticas e que procuram evitar a deslocação das suas fábricas para o estrangeiro. Mal compreendido por muitos à data da sua estreia, **Gelegenheitsarbeit Einer Sklavin** é um filme profundamente actual que na época provocou alguma cisão dentro do próprio meio feminista, que olhou o filme com alguma perplexidade.

Todavia, em contraponto com referido “realismo”, encontramos toda a dimensão alegórica e a heterogeneidade habitual do cinema de Kluge, que contraria qualquer diegese mais clássica. Um filme que termina com muito humor, com Roswitha Bronski a vender salsichas envolvidas em panfletos políticos à porta da fábrica onde trabalhava o marido, enquanto um funcionário desconfia. A fábrica não fechou graças à pressão dos funcionários impulsionados por Roswitha e a sua amiga Sílvia, mas como se dirá também: “Há sempre um preço a pagar”. Um fim que é tanto mais curioso se pensarmos no modo como a representação das salsichas e da sua produção irrompem frequentemente nos filmes de montagem mais recentes de Alexander Kluge para os desestabilizar, ao interromperem as mais diversas temáticas, algumas de uma extrema gravidade. A importância das salsichas na sua terra natal justifica-o por si só, elemento que é bem característico de um cinema extremamente singular, que oscila continuamente entre o peso e a graça.

Joana Ascensão